

## **O ‘CASO’ FERRÉZ: UM ESTUDO SOBRE A LITERATURA MARGINAL.** Renato de Souza, Gilberto Figueiredo Martins. – Letras – Licenciatura Plena em Letras – Departamento de Literatura – Faculdade de Ciências e Letras – Campus de Assis.

A concepção de literatura marginal toma forma e identidade como uma espécie de manifestação cultural recente, registrada no âmbito de localidades “não valorizadas socialmente”, como é o caso das regiões periféricas dos grandes centros urbanos (favelas, guetos, comunidades marginalizadas), principalmente no que se refere ao acesso de bens de consumo e de serviços, aspectos traduzidos, por vezes, em condições sociais mínimas de existência humana. Na prática, tais localidades periféricas se configuram como espaços “esquecidos” pelo poder público, regiões onde a temática da criminalidade, da violência, ou seja, da desigualdade social, imprimem um ritmo específico de vida (ou de sobrevivência) aos membros de suas respectivas comunidades. Essa realidade tem servido como objeto de expressão cultural, por parte de escritores e artistas, sejam eles originários das comunidades periféricas ou não. Como expressão de uma cultura, a literatura marginal “é, com todos os reparos que se lhe possam fazer da perspectiva crítica hegemônica, uma tomada de posição por parte de sujeitos subalternos, (...) ela é elemento substancial de um projeto que vai além do literário”. E mais: “além de manter vínculos estreitos com algumas expressões culturais de rua como o hip-hop e a arte dos grafiteiros, busca se constituir em porta-voz estético e ideológico dos que sempre foram silenciados e hoje integram o ‘povo da periferia/favela/gueto’”, conforme ESLAVA (2004, p. 46-47). Ao considerarmos que a problemática da realidade sócio-humana registra-se num conjunto de ambientes sócio-culturais dinâmicos e heterogêneos, passíveis de mutações ao longo do tempo histórico, temos que a produção de “novos” enunciados, ou seja, a materialização e a (re)formulação dos gêneros do discurso reforçam a realidade dinâmica dos processos enunciativos, no âmbito interativo das produções simbólicas. Esse mesmo processo de constante renovação discursiva pode ser observado, também, no campo da literatura, da mesma maneira, no que se (auto) denomina de literatura marginal. Enquanto a concepção tradicional de literatura faz referências à noção do “belo estético” (em sua composição artística), a chamada literatura marginal, como sugere o próprio nome, recorre à noção que podemos chamar de “feio estético”, pois se prende a criar representações simbólicas de ambientes periféricos da sociedade, já que os personagens retratados nas produções do gênero são associados à violência, bem como inseridos num contexto de pobreza ou miséria social, o que, por isso mesmo, serve como uma espécie de justificativa para o enunciado “seres marginalizados”, exemplificado nas representações (literárias) de bandidos, delinquentes, policiais corruptos, mendigos, prostitutas etc (PELLEGRINI, 2004, p. 20). Configura-se a expressão da atividade da literatura marginal, segundo uma dada perspectiva de sujeito “excluído”, sujeito antes sem voz, atualmente não mais silenciado, sensivelmente exposto às circunstâncias da desigualdade social. Percebe-se a atividade da literatura marginal, portanto, a partir do processo “dialógico” entre a literatura e outras áreas do conhecimento humano, como é o caso dos discursos sociológico, antropológico e jornalístico, já que, “dois tipos de produções verbais, dois enunciados confrontados um com o outro entabulam uma relação específica de sentido”, chamada de relação dialógica, segundo BAKHTIN (2000, p. 347). A relação dialógica, como o próprio nome sugere, faz-se em uma instância na qual os enunciados/discursos dialogam. Diálogo enunciativo realizável, porém, enquanto percepções de mundo, (re) produtoras de “pontos de vista”, em função da interação verbal (e não-verbal) entre um enunciador e seu enunciatário. Apresenta-se o dialogismo, como princípio constitutivo da linguagem, marcado pelas posições e condições de existência dos sujeitos falantes de uma dada enunciação. Esse mesmo princípio da constituição da linguagem pode ser observado no registro da composição discursiva da literatura marginal, pois a citada atividade, comumente, transporta em seu discurso representações simbólicas de sujeitos oriundos de comunidades pobres sócio-economicamente, comunidades que vivem à margem de condições de vida adequadas ou dignas. A escolha das obras “Capão Pecado” e “Manual prático do ódio”, ambas de autoria de Reginaldo Ferreira da Silva, o Ferréz, abordadas aqui, como objeto de estudo, faz-se, portanto, não só pela representação simbólica dos temas narrados no âmbito da denominada literatura marginal, mas também pela qualidade de suas produções textuais, sobretudo no que se refere ao uso de recursos estilísticos. Gênero ficcional produzido a partir de textos regidos por “ângulos” distintos, mas que se aproximam por, ao menos, dois aspectos, ou seja, “ocupam-se da

representação da experiência da miséria e brutalidade da vida nas comunidades pobres das grandes metrópoles e o fazem tomando para tal elaboração uma perspectiva construída desde o interior destas próprias comunidades” (RODRIGUEZ, 2004). Desse modo, o discurso da literatura marginal oferece uma espécie de “recorte” ideológico de um dado contexto social, com base numa visão periférica da sociedade. Se nas produções literárias (tradicionais) imperam as representações ficcionais de personagens de prestígio político e/ou social, como as figuras de industriais e intelectuais e de pessoas ligadas às camadas mais ricas da sociedade, com a literatura marginal esse processo se inverte. Com a “literatura da periferia”, por exemplo, ganham destaque representações simbólicas de personagens com pouco “poder de voz” no conjunto da sociedade. O pedreiro, o catador de papel, o padeiro, a dona de casa, o gari, entre outros, que vivem à margem do centro rico da sociedade, têm papéis enfatizados em páginas de narrativas ficcionais. E mais: assumem ainda, muitas vezes, o papel de narradores. Nota-se, também, no conjunto da produção da literatura marginal, uma dada correspondência entre discursos distintos das ciências sociais (aplicadas), com base em ligações com os discursos sociológico e antropológico, no caso, quanto ao conteúdo temático; e do jornalístico, nos aspectos composicional e discursivo. Percebe-se, em especial nas obras de Ferréz, além de marcas de uma produção literária, uma análise/crítica, de viés sociológico sobre uma dada realidade social, como a das regiões periféricas das grandes metrópoles do país. Embora as obras “Capão Pecado” e “Manual prático do ódio”, como defende o próprio autor, estejam inseridas no âmbito da literatura marginal, sendo entendidas, portanto, como produções ficcionais, elas ainda remetem a um contexto extralingüístico referencial, como se o (ou um) dado autor não apenas narrasse, mas ao mesmo tempo, criasse perfis ou representações de pessoas ou de situações de um dado cotidiano da realidade social, transportando-as para uma narrativa de gênero ficcional

#### Referências bibliográficas:

- ADORNO, T; HORKHEIMER, M. **Dialética do Esclarecimento – Fragmentos filosóficos**. Tradução de Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.
- ANDRADE, Maria Margarida de; MEDEIROS, João Bosco. **Comunicação em língua portuguesa**. 2. ed., São Paulo: Atlas, 2000.
- BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. **Estética da Criação Verbal**. Tradução Maria Ermantina Galvão. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- BARBIERI, Therezinha. **Ficção impura – Prosa brasileira dos anos 70, 80 e 90**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2003.
- BARROS, Diana Luz Pessoa de; FIORIN, José Luiz. (Orgs.). **Dialogismo, Polifonia, Intertextualidade: em torno de Bakhtin**. 2 ed., São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003.
- BOSI, Alfredo. Narrativa e resistência e Os estudos na Era dos Extremos. In: **Literatura e resistência**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- BOSI, Viviana et al. **Ficções: leitores e leituras**. São Paulo: Ateliê, 2001.
- DALCASTAGNÈ, Regina. **O espaço da dor – O regime de 64 no romance brasileiro**. Brasília: UnB, 1996.
- DIAS, Ângela M; GLENADEL, P (Org.). **Estéticas da crueldade**. Rio de Janeiro: Atlântica, 2004.
- DORFLES, Gillo. **As oscilações do gosto – A arte de hoje entre a tecnocracia e o consumismo**. Tradução de Carmen Gonzáles. Lisboa: Horizonte, 1989.
- FERRÉZ. **Capão Pecado**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.
- \_\_\_\_\_. **Manual prático do ódio**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2003.
- FILHO, Domício Proença. **A linguagem literária**. 3 ed., São Paulo: Editora Ática, 1990.
- FIORIN, José Luiz. **Linguagem e ideologia**. 4 ed., São Paulo: Editora Ática, 1995.
- GALVÃO, Walnice Nogueira. **As musas sob assédio – Literatura e indústria cultural no Brasil**. São Paulo: SENAC, 2005.
- HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- KOHTE, Flávio. **A narrativa trivial**. Brasília: UnB, 1994.
- LAJOLO, Marisa. **O que é literatura**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1986.

- LEITE, Dante Moreira. **Psicologia e Literatura**. 5 ed., rev. São Paulo: Editora Unesp, 2002.
- LIMA, Rogério. **O dado e o óbvio – O sentido do romance na pós-modernidade**. Brasília: UnB/Universa, 1998.
- MOTTA, Leda Tenório da. **Literatura e contracomunicação**. São Paulo: UNIMARCO, 2004.
- OLINTO, H. K.; SCHOLLHAMMER, K. E. (Org.) **Literatura e Mídia**. Rio de Janeiro/São Paulo: PUCRJ/Loyola, 2002.
- ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Discurso e Leitura**. São Paulo: Cortez; Campinas: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1988.
- PETERSON, Michel. **Estética e política do romance contemporâneo**. Tradução de Ricardo Canko. Porto Alegre: UFRGS, 1995.
- REIS, Carlos; LOPES, Ana Cristina M. **Dicionário de Narratologia**. Coimbra: Livraria Almedina, 2000.
- RODRIGUEZ, Benito Martinez (Org.). Literatura nas margens. In: **Estudos de literatura brasileira contemporânea**. Brasília: Editora Positiva, 2004.
- SILVA, Vitor Manuel de Aguiar e. **Teoria da Literatura**. São Paulo: Martins Fontes, 1976.
- SOUSA, Jorge Pedro. **Teorias da notícia e do jornalismo**. Chapecó: Argos, 2002.
- SOUZA, Roberto Acízelo de. **Teoria da literatura**. São Paulo: Série Princípios, 1986.